

A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL NO CURSO DE MATEMÁTICA: RELATOS DECORRENTES DO COMPONENTE CURRICULAR LIBRAS

Inês Ivone Cecin Soprano¹

Resumo: O presente relato é fruto de uma experiência do componente curricular Libras, realizada no Curso de Matemática - FAI, com a turma do 6º semestre. Objetivou-se conhecer e refletir aspectos e conceitos relativos à Língua Brasileira de Sinais; fornecer instrumentos que possibilitassem reconhecer, discutir e analisar aspectos sócios – históricos e linguísticos da língua de sinais focalizando estratégias que atenda a pessoa com surdez; identificar e analisar aspectos legais, técnicos da função do intérprete e do instrutor surdo.

Palavras-chave: Educação, Matemática, Libras.

1 A EDUCAÇÃO E A LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

A inclusão das Libras como disciplina curricular é ofertada aos acadêmicos de licenciaturas, conforme o Decreto Nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei Nº 10.436/2000, que em seu art.3º preconiza

As Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. § 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

A regulamentação da Lei Nº 10.436/00 pelo Decreto Nº 5.626/05 trouxe avanços consideráveis para que alunos surdos tivessem acesso à educação através da sua língua materna, bem como da comunicação e expressão da língua brasileira de sinais sendo eles, os surdos, os protagonistas de conquistas de direitos, consolidando assim a construção da sua cultura e identidade.

¹ Graduada em Educação Especial e Pedagogia Séries Iniciais pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós-graduada em nível de Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição" e MBA em Administração Pública para o Desenvolvimento Regional - Foco em Gestão Estratégica de Projetos de Desenvolvimento pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus de São Miguel do Oeste e Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2008). Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial e Diversidade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação especial e diversidade, deficiência, inclusão, educação inclusiva. E-mail: inessoprano1@hotmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3998390079715941>

Para fins de conhecimento a Política de Educação Especial de Santa Catarina (2006 p.24) define como deficiência auditiva/surdez,

Aquele que apresenta perda parcial ou total, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala, através do ouvido. A mensuração é feita através de avaliações que comprovem: [...] perda bilateral de 25 decibéis (dB) ou mais, resultante da média aritmética do audiograma, aferidas nas frequências de 500 Hertz (Hz), 1.000 Hz, 2.000 Hz, 3.000 Hz, 4.000 Hz; variando de acordo com o nível ou acuidade auditiva da seguinte forma: Leve/moderada: perda auditiva de 25 a 70 dB. A pessoa, por meio de uso de Aparelho de Amplificação Sonora Individual – AASI torna-se capaz de processar informações linguísticas pela audição; conseqüentemente, é capaz de desenvolver a linguagem oral. Severa/profunda: perda auditiva acima de 71 dB. A pessoa terá dificuldades para desenvolver a linguagem oral espontaneamente. Há necessidade do uso de AASI e ou implante coclear, bem como de acompanhamento especializado, em geral, utiliza um sistema de comunicação por sinais.

Para o uso das libras como língua materna é necessário que a pessoa entenda-se como usuário dessa língua, bem como apresente perda auditiva de severo à profunda.

Segundo Felipe (2001, p.19), Libras,

É uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da língua Portuguesa, uma língua de modalidade oral-auditiva, que utiliza, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.

Libras deve ser entendida como a primeira língua (materna) das pessoas surdas e que deve, o mais breve possível, o surdo estar em contato com a sua língua materna e somente após o domínio desta ter a LP (Língua Portuguesa) como segunda língua na modalidade escrita.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA DO COMPONENTE CURRICULAR – LIBRAS

O curso de Matemática oferece, em sua grade, o componente curricular Libras, como disciplina obrigatória. As aulas de Libras foram ministradas por dois professores com carga horária de 72 horas, com conteúdo relacionando teoria e prática. Inicialmente foi contextualizado à disciplina e sua importância na vida profissional do acadêmico como futuro professor de Matemática.

A turma do sexto semestre do curso de Matemática de 2015 demonstrou grande interesse e afinidade com a disciplina envolvendo-se em todas as atividades propostas.

As aulas foram preparadas e desenvolvidas pelos professores do componente curricular - a professora ouvinte com a incumbência de desenvolver questões teóricas metodológica que contribuíssem para a prática e vivências em Libras, desenvolvidas pelo professor instrutor surdo, com fluência em Língua Brasileira de Sinais. A dinâmica dessas vivências sempre foi relacionar a teoria com a prática, buscando envolver os acadêmicos em atividades instigantes para que pudessem construir um repertório em libras.

Inicialmente há uma contextualização da disciplina de Libras e a quem se destina o estudo e a fluência da Língua Brasileira de Sinais. Para tanto se estudou a surdez, etiologias e quem são as pessoas consideradas surdas através de conceitos básicos sobre educação especial, surdez, deficiência auditiva dentre outros.

Durante as aulas foi demonstrado pelos acadêmicos um grande interesse em aprender, conhecer e tirar dúvidas já que estavam preparando os planos de aula para docência, com forte experiência no Estágio Supervisionado III, considerando que, em escolas de atuação dos estagiários, há alunos com deficiência e com surdez, dentre outras.

Um aspecto muito positivo foi que os acadêmicos tiveram a preocupação de pesquisar, estudar e planejar metodologias adequadas para atender as necessidades dos alunos com deficiência e com surdez, demonstrando o interesse de atender as pluralidades em sala de aula e, diga-se de passagem, excelentes intervenções e contribuições para o processo ensino aprendizagem dos alunos com deficiência e surdez, onde todos os envolvidos ganharam com as adequações curriculares de pequeno porte.

As Adaptações Curriculares de Pequeno Porte (Adaptações Não Significativas) são modificações promovidas no currículo, pelo professor, de forma a permitir e promover a participação produtiva dos alunos que apresentam necessidades especiais no processo de ensino e aprendizagem, na escola regular, juntamente com seus parceiros coetâneos. São denominadas de Pequeno Porte (Não Significativas) porque sua implementação encontra-se no âmbito de responsabilidade e de ação exclusivos do professor, não exigindo autorização, nem dependendo de ação de qualquer outra instância superior, nas áreas política, administrativa, e/ou técnica. (Projeto Escola Viva, 2000, p.08)

E os acadêmicos do curso de Matemática tiveram a grande iniciativa de já estar contemplando aos alunos com deficiência um currículo com suas devidas adequações, sempre atentos e preocupados, solicitando orientações para fazer o melhor para esses alunos.

No decorrer das aulas foram realizados muitos diálogos e conversação em Libras para o melhor aprendizado e fluência na Língua Brasileira de Sinais. Uma atividade que foi muito interessante e que chamou a atenção dos acadêmicos, foi aprender uma música em língua de sinais, apresentando-a posteriormente, para os colegas. Foi uma vivência muito interessante e prazerosa para os acadêmicos. A celebração de tanta dedicação e bons resultados, estendeu-se para uma aula interativa numa pizzaria, onde todos tiveram a incumbência de se comunicar, tanto com o garçom quanto com colegas e professores através da língua de sinais, sob orientação do professor surdo. Experiência fantástica e que agregou uma aprendizagem significativa e de grande relevância para a atividade docente.

Uma grande tarefa para culminar e finalizar a disciplina foi desafiar os acadêmicos para formatar um diálogo, uma música ou uma história, com cunho pedagógico, para socializar com os colegas e postar no ambiente virtual FAI, possibilitando acesso para seus colegas assistirem e para eventual consultas como instrumento pedagógico.

A Língua Brasileira de Sinais, sem sombra de dúvidas, promoveu junto aos acadêmicos do curso de Matemática, um novo olhar com respeito à diversidade que existe no contexto escolar e a promoção da inclusão social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualizamos nesta experiência de docência no Componente Curricular Libras uma rica oportunidade que os acadêmicos têm em colocar em prática todos os conhecimentos produzidos durante toda a etapa de formação acadêmica no ensino superior, com um olhar para a inclusão.

A relação teoria e prática são significativas no tocante à formação acadêmica e humana dos nossos estudantes. Ressaltamos a forma que foi conduzida e aceito pelos nossos acadêmicos o desafio do aprendizado de uma segunda língua – libras, e o quão gratificante foi, tanto para os professores quanto para os acadêmicos que se envolveram de uma forma significativa e especial.

Não posso deixar de registrar o empenho e parceria realizada pela coordenadora do Curso de Matemática que, em todos os momentos, se fez presente nas atividades e projetos realizados em sala de aula, dando suporte técnico pedagógico para a realização das aulas.

REFERÊNCIAS

FELIPE, Tayna A. **Libras em contexto: Curso Básico**, livro do estudante cursista/Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. MEC; SEESP, 2001

MEC, SEESP. **Projeto Escola Viva. Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades especiais**, nº. 5 – Adaptações de Grande Porte. Brasília, 2000. MEC, SEESP. **Projeto Escola Viva. Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades especiais**, nº. 6 – **Adaptações de Pequeno Porte**. Brasília, 2000.

SANTA CATARINA. **Política de Educação Especial**. Fundação de Educação Especial - **Política de Educação Especial**, São José: FCEE, 2006.